



A QUESTÃO NEGRA NAS PUBLICAÇÕES *TEENS* BRASILEIRAS: O CASO DA REVISTA CAPRICO NO ANO 2020

Beatriz Rocha

Graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

E-mail: rochabeatriz1997@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar a representação dos movimentos negros pela publicação *teen* Revista Capricho ao longo de 2020, utilizando como fontes as matérias veiculadas em seu site oficial e vídeos de seu canal no *Youtube*. À luz de teóricos sociais como Asad Haider, Grada Kilomba e Silvio Almeida, serão analisados os usos que a revista faz de termos militantes como "empoderamento", "visibilidade", "representatividade", "racismo estrutural" e "sistema de privilégios", bem como se há interseccionalidade entre os conceitos de gênero, raça e classe. Ao refletir acerca da cultura visual e conceitual propagada por esse meio de comunicação, visaremos concluir por quais motivos e de qual forma a Revista vem se abrindo para esse movimento social, considerando ainda qual o impacto na construção da subjetividade de suas leitoras.

Palavras-chave: Representação. Movimentos negros. Cultura visual. Conceitual

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo investigar as mudanças editoriais ocorridas na publicação *teen* Revista Capricho no que tange ao posicionamento frente aos movimentos negros, analisando as matérias veiculadas em seu site oficial e vídeos no canal do Youtube. Serão observados os usos de termos militantes como "empoderamento", "visibilidade", "representatividade", "racismo estrutural" e "sistema de privilégios", bem como uma possível interseccionalidade entre os conceitos de gênero, raça e classe. Também será discutida toda a cultura visual que permeia o objeto de estudo e se há referenciais estéticos negros para além das matérias específicas sobre questões raciais.

Visto a abundância de materiais e consequente necessidade de recorte temporal, serão pesquisadas fontes publicadas exclusivamente no ano de 2020, centrando a problemática em como se dá a ascensão deste novo fenômeno editorial, sua utilização de conceitos sociológicos, demarcação de recursos linguísticos e suas consequências teóricas e práticas na construção subjetiva de suas leitoras. Mais do que isso, pretende-se refletir não apenas sobre como essas mudanças se dão, mas por quais motivos mais amplos a imprensa brasileira - para além das publicações *teens* e do mercado editorial de revistas - vem fazendo alterações no destaque a temáticas raciais. Assim, as análises

partirão para uma investigação mais profunda das raízes sociais, econômicas e políticas que possibilitam tais eventos.

Com as fontes iluminadas à luz de teóricos sociais como Asad Haider, Achille Mbembe, Djamila Ribeiro, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Silvio Almeida e Vladimir Safatle, buscaremos entender se a Revista Capricho capitaliza e descaracteriza o movimento negro dentre suas páginas e como o faz – afinal, não seria a primeira vez que veríamos órgãos da imprensa brasileira distorcendo importantes movimentos sociais sob o rótulo genérico de "empoderamento".

OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivo analisar por meio de quais mecanismos e construções discursivas o mercado editorial *teen* brasileiro se apropria dos prognósticos dos movimentos negros. Atenta-se sobretudo para como a revista utiliza os conceitos militantes mais comuns – como empoderamento, visibilidade, identidades, estruturas, privilégios – e quais são as implicações de seus usos, as consequências teóricas e subjetivas de tais construções. Além disso, também nos debruçamos a refletir acerca da cultura visual que permeia as publicações: os referenciais estéticos das ilustrações e fotografias têm marcadores raciais? Se sim, como são delimitados?

Em suma, o objetivo final é responder a essas questões tendo sempre no horizonte a investigação de como esse nicho do mercado editorial tem atuado nos segmentos da negritude, quais suas implicações e como isso se insere num contexto mais amplo de transformações sociais brasileiras.

Ressalta-se ainda a relevância de tal estudo para a qualificação de professores antirracistas (de onde se origina este evento), visto ser essencial compreenderem a formulação das ideologias veiculadas nos materiais cotidianos a que seus alunos têm acesso, estando preparados para combaterem discursos problemáticos que possam circular por estes meios, de forma a sempre priorizar uma educação crítica e cidadã. Assim, cabe ao educador participar de uma reflexão mais ampla sobre quais conceitos estão em jogo, como são articulados e quais suas implicações diretas na formulação das identidades dos estudantes.

Além do mais, é de suma importância voltarmos nossos esforços analíticos para a cultura pop, que apesar de muitas vezes menosprezada pelos pesquisadores como temática menor, encerra dentro de si valores cotidianos do senso comum que



reverberam para além de suas páginas, podendo assumir materialidades discriminatórias que contribuem para sustentar estruturas opressoras. Afinal, tais publicações estão inseridas numa dialética: ao mesmo tempo que estão no mundo e são construídas por ele, constroem discursos e referenciais estéticos que serão apropriados e ressignificados pelo mundo. Ou seja, não se tratam de meros reflexos sociais, mas sim de agentes para a construção permanente da sociedade, num eterno jogo de circularidade de ideias.

MATERIAIS E MÉTODOS

Antes de partirmos para a apresentação dos métodos utilizados, é necessário apresentar as fontes a serem investigadas, bem como apontar os motivos de suas escolhas. É apenas conhecendo melhor o contexto em que estão inseridos estes materiais que poderemos definir filtros de análise mais coesos de acordo com suas especificidades, além de afinarmos nossas investigações com questionamentos mais precisos.

A Revista Capricho surge em 1952 para iniciar um novo segmento da editora Abril, atraindo mais meninas adolescentes para seus veículos de imprensa. Logo em suas primeiras edições já se torna um sucesso, visto ser pioneira nos periódicos *teens* brasileiros e em 1956 torna-se a revista com maior tiragem da América Latina, com 500 mil exemplares por edição. Assim, há sete décadas o selo se consolida no imaginário social de adolescentes que depois se tornam adultas, mães, idosas, avós – cidadãs do mundo.

Na década de 1990, diante de novas demandas mercadológicas, tornou-se uma marca produtora de bens de consumo diversos, como cosméticos – principalmente perfumes e maquiagens – material escolar, mochilas e lingerie. Isso só mostra o alto nível de participação da logo no dia-a-dia de seu público alvo, a saber, meninas entre 12 e 16 anos. Nota-se, ainda, que ao longo do artigo diremos sempre "leitoras" ao invés de "leitores" no genérico, já que as publicações são voltadas para o público feminino e deixam isso claro ao começarem inúmeras matérias com jargões como "caras leitoras". Isso não significa que não haja consumo por parte do público masculino, no entanto, focaremos aqui no que já está delimitado pela revista.

É importante notar, ainda, que escolheu-se analisar apenas a Capricho ao invés de um apanhado geral de outras revistas *teens* por compreendermos que, por ser a de maior circulação há décadas, é ela quem dita as tendências para esse segmento editorial,

atuando como selo síntese das publicações brasileiras voltadas para o público adolescente.

A revista foi impressa até junho de 2015, quando diante de forte crise no mercado editorial por conta da concorrência com os meios digitais, a Editora Abril anunciou o fim dos exemplares físicos deste e de outros selos já consagrados há anos. A partir de então, houve migração integral para plataformas digitais, o que permitiu a exploração de novos suportes e novos tipos de conteúdo. Circulando agora apenas pelo virtual, a mudança editorial veio no sentido de dialogar cada vez mais com aquilo que está posto nas redes sociais.

É importante notar que tal marcação temporal coincide com a década em que os movimentos sociais brasileiros se reformularam ao ganharem destaque nas mídias sociais após a onda de protestos vista em junho de 2013, com suas articulações e conceitos tendo alcance amplificado, chegando inclusive a adolescentes que antes tinham menor acesso a tais discussões. Se nos últimos cinco anos há proliferação de discursos militantes nas redes sociais e a revista precisava se aproximar de tudo que estava nas redes para reconsolidar seu nome num novo espaço, fica evidente a entrada desses segmentos em suas matérias.

Se até a metade da década a Capricho focava-se em conselhos amorosos heterossexuais, capas com galãs brancos estadunidenses e quizzes sobre cultura pop da mais comercial, há uma mudança abrupta quando passa a existir apenas no meio digital, tentando acompanhar as novas tendências ditadas pelas redes sociais para não perder suas leitoras. Atualmente a descrição presente em seu site é "Notícias sobre séries, música e famosos. Discussões sobre saúde mental e feminismo. Truques de moda e beleza que valorizam quem você é".¹ Ou seja, já em seus discursos iniciais cita diretamente um movimento social e novos parâmetros estéticos relacionados a autoaceitação e diversidade.

No ano de 2020, seu site é dividido em seis seções: comportamento, moda, beleza, entretenimento, horóscopo e produtos CH. Embora haja uma especificidade no suporte revista – geralmente mais rápido, com notícias mais leves e passageiras – também são notadas mudanças nesse sentido através da introdução de pautas menos pontuais. A Capricho tem se destacado pela publicação de textos sobre política

¹ Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

(inclusive com críticas explícitas à gestão do governo federal², algo inédito antes de 2015) e os mais diversos movimentos sociais, como o feminista, LGBT, negro, gordo e de pessoas com deficiência. Aqui, focaremos em investigar principalmente as colocações sobre as temáticas raciais e as imagens de movimento negro que são produzidas.

Resta saber como tais transformações na linha editorial se pautam, de qual forma se apropriam de conceitos para suas construções discursivas, quais suas implicações teóricas e práticas e como se relacionam às mudanças gerais no posicionamento da imprensa brasileira sobre os movimentos sociais. Para isso, finalmente chegamos à explicitação dos métodos utilizados para a produção desta pesquisa.

As matérias, notícias, quizzes, entrevistas e tutoriais veiculados foram por nós separados em dois eixos. O primeiro é o das publicações que falam diretamente sobre raça e/ou racismo, enquanto o segundo é o de publicações gerais que não tematizam diretamente o assunto.

No primeiro eixo, as análises foram construídas através da observação do uso de conceitos presentes na militância negra contemporânea (empoderamento, visibilidade, privilégios, estruturas e identidades) e em qual o foco dessas matérias – estética negra, desigualdades sociais ou aspectos materiais das vidas negras brasileiras. Assim, investiga-se como esses termos e ideias se articulam dentro dos discursos propagados e quais são suas implicações teóricas e na formação subjetiva de suas leitoras.

No segundo eixo, atentou-se sobretudo para a presença (ou ausência) de referências negras nas matérias que não falam sobre questões raciais. Qual a cor dos entrevistados que não falam sobre negritude? Qual a cor das celebridades mostradas quando o assunto não é representatividade de artistas negras? Os filmes e séries mencionados têm personagens de quais cores? Negras e negros são chamados para falar sobre temas não-militantes? Ao falar sobre movimento feminista, LGBT, gordo e de pessoas com deficiência, constrói-se interseccionalidade com o movimento negro, ou cada um fica isolado em sua própria caixa, como se as opressões não fossem relacionadas?

Além da divisão nesses dois eixos, foram também observados os aspectos gerais que compõem a cultura visual da revista. Nesse caso, os parâmetros utilizados foram a

² “Bolsonaro volta a atacar mídia, indígenas e ONGs por queimadas em discurso”. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/bolsonaro-volta-a-atacar/>>. Acesso em: 15 out. 2020.



observação das fotografias e desenhos que ilustram matérias genéricas sobre temas diversos, tentando identificar se há referenciais estéticos negros nesses espaços. As fotografias de divulgação mostram pessoas de quais cores? Há ilustrações retratando mulheres negras?

A importância destes levantamentos está na investigação de uma representatividade que vá para além da própria militância, inserindo imagens negras no cotidiano e nos cânones universais, abandonando a noção de "a segunda raça" que nunca entra num universal ideologicamente branco e que é representada apenas enquanto particular e identitária (HAIDER, 2018). É necessário, portanto, refletir sobre como todos estes signos estão postos.

RESULTADOS

As narrativas sobre a negritude e seus movimentos por emancipação são disputadas há décadas, recaindo constantemente em debates sobre poder de fala e poder de escuta – afinal, tais grupos sociais sempre falaram, é questão de quem se abre para escutar, quais instituições e indivíduos estão abertos para tais escutas.

Ao morarmos em um prédio, nem sempre conseguimos ver a base sobre o qual ele foi construído, mas ela continua ali e determina tudo o que é estar acima. O mesmo acontece com o racismo – mesmo quando não o vemos, ele está participando da montagem de uma série de relações sociais. É um sistema que coloca a discriminação racial em *status* de normalidade, naturalizando uma violência que não choca olhos desatentos. Como salienta Silvio Almeida em seu *Racismo Estrutural*, não se trata de uma patologia ou uma falha no sistema, mas sim de sua extrema normalidade, daquilo que sustenta o funcionamento de suas instituições basilares (ALMEIDA, 2019).

Se ideologia é a construção de imaginários que naturalizem as desigualdades sociais entre brancos e negros para que não se note que isso é relacionado ao racismo estrutural, se ideologia é aquilo que é feito não para criar o racismo em si, mas para justificá-lo e criar explicações racionais para isso, podemos dizer que os meios de comunicação são dotados de ideologia (ALMEIDA, 2019). E assim, as ações e materiais cotidianos são imbuídos de ideologias, não apesar de seus silêncios, mas principalmente através deles. Não há neutralidade, mas sim posicionamentos que reforçam ou combatem as estruturas, seja pela inércia ou ação.

Dotada de alta circulação, a Revista Capricho não é neutra em suas construções e contribui para a formulação de individualidades raciais em suas leitoras, já que "o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais" (ALMEIDA, 2019, p. 36).

No primeiro eixo a ser analisado, o das matérias, entrevistas e vídeos que falam diretamente sobre questões étnico-raciais, notamos uma variedade de temas abordados, indo desde notícias denunciando violências raciais, uma coluna mensal específica chamada "Repórter Afro Futurista"³ e tutoriais sobre beleza negra.

No geral, as notícias com denúncias raciais são explícitas e contundentes quanto ao posicionamento editorial contra as ações propagadas, reportando não apenas agressões físicas e verbais como também aquelas de ordem simbólica. Vemos, por exemplo, matérias sobre violência policial contra mulheres negras⁴ e sobre declarações racistas de humoristas contra celebridades negras⁵, sempre trabalhando a intersecção com as questões de gênero.

Há ainda a publicação de uma matéria em outubro de 2020 intitulada "Algoritmo que sabota negros nas redes expõe construções racistas sociais"⁶ que frisa que isso se dá pelo fato do mundo da tecnologia da informação ainda ser dominado por homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais, colocando todas essas categorias em paralelo para a construção das identidades.

Para além dessas notícias em forma de denúncias – transcrições de outras matérias que saem em grandes agências de notícias nacionais e internacionais, não sendo furos de reportagem – há materiais exclusivos sobre racismo, sempre com militantes qualificadas e que não apenas falam a partir de suas vivências, como também são pesquisadoras acadêmicas da temática, como é o caso da cientista política Náataly Neri. Por exemplo, no vídeo "Como o racismo invadiu a minha vida"⁷ vemos uma abordagem séria e qualificada sobre violência policial, baixa expectativa de vida da população negra, saúde mental, auto-estima, lugar de fala, antirracismo e o papel da

³ Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/afrofuturista&orderby=date>>. Acesso em: 15 out. 2020.

⁴ "Mulher é agredida por PMs na rua: 'Só podia ser preta', disse um deles". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/mulher-e-agredida-por-pms/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

⁵ "Júlio Cocielo vira réu na Justiça por racismo e passa a responder processo". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/-reu-na-justica-por-racismo/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

⁶ Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/algoritmo-que-sabota-negros-nas-redes-expoe-construcoes-racistas-sociais/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X5fBCQ602Jk>>. Acesso em: 25 out. 2020.



branquitude nessa luta. Mais aprofundados do que os escritos no site, os vídeos disponíveis em seu canal do Youtube constituem um espaço mais elaborado de reflexões. No entanto, ainda são minoria dentre os materiais que tratam deste tema.

Recentemente estreou-se uma nova coluna chamada Reporter Afro Futurista, assinada pela estudante de Letras da UFMG Aniké Pellegrini, onde aborda temas como auto-estima, empoderamento e afetos negros, focando em vivências cotidianas de adolescentes negras. Um dos artigos mais contundentes é o "Falar sobre crushes é muito mais complexo do que já fizemos até hoje"⁸, onde um assunto tão presente na vida das jovens é lido sob uma ótica racializada, utilizando-se de conceitos sociológicos de forma acessível.

No entanto, apesar da qualidade destas primeiras fontes citadas, elas ainda são mais pontuais e infrequentes. A maior parte das matérias da Capricho que falam sobre negritude se centram em artigos sobre beleza: tutoriais sobre cuidados com a pele⁹, cabelos, lábios e artigos com a indicação de cosméticos de alto custo¹⁰. Nestes textos e vídeos curtos, o auto-cuidado e a auto-ajuda são postos de forma acrítica diante da questão maior da luta antirracista, com uma despolitização do "aceitar-se como é" ao centrar-se apenas em estética. E qual estética negra é essa que sacralizam? O que vemos são tutoriais de jovens negras ricas dispondo de inúmeros produtos cosméticos caros para valorizarem sua identidade.

Evidente que as questões estéticas e de auto-estima são debates importantes, ainda mais para a faixa etária do público leitor, mas não se pode focar apenas nisso. A questão do "sentir-se bem", quando desvinculada de questões materiais mais profundas, logo ganha tonalidades perversas, como no caso de uma matéria que fala sobre uma atriz branca que interrompeu a transição capilar pois isso estaria abaixando sua auto-estima, terminando o escrito com um "o importante é se sentir bem, né?"¹¹. Outro caso alarmante é o de um artigo que se pretende humorístico ao fazer um compilado de

⁸ Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/blog/afrofuturismo/falar-sobre-crushes-e-muito-mais-complexo-do-que-ja-fizemos-ate-hoje/>>. Acesso em: 28 out. 2020.

⁹ "Confira a rotina de skincare e os cuidados com o cabelo de Any Gabrielly". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/beleza/confira-a-rotina-de-skincare-e-os-cuidados-com-o-cabelo-de-any-gabrielly/>>. Acesso em: 28 out. 2020.

¹⁰ "Agnes Nunes rebate racismo: 'Do jeito que a gente é, a gente é maravilhosa'". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5w0KDN9wexQ>. Acesso em: 02 nov. 2020.

¹¹ "Mel Maia explica porque decidiu interromper a transição capilar". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/beleza/mel-maia-explica-por-que-decidiu-parar-com-a-transicao-capilar/>>. Acesso em: 20 out. 2020.



tweets com internautas elogiando o "antes" e "depois" de celebridades¹², nos quais as novas características tão valorizadas são afinamento de narizes e lábios, alisamento de cabelos e peles clareadas, naturalizando o embranquecimento compulsório a que a maior parte da população brasileira está submetida para se encaixar nos estereótipos de beleza.

Já no segundo eixo – aquele que pretende analisar matérias genéricas que não falam diretamente sobre negritude – não nos surpreendemos ao notar que os negros e negras abruptamente desaparecem de suas páginas virtuais. Não são entrevistados sobre seus trabalhos artísticos, não têm seus relacionamentos amorosos especulados, não estão nos filmes indicados e não são convocados a falar nos artigos sobre outros problemas sociais.

De "Sete lançamentos imperdíveis da Netflix para se ver em novembro de 2020", apenas um tem personagens negros¹³. Dos 12 filmes de terror indicados para serem vistos no Halloween, apenas um - *Corra!* - tem diversidade racial¹⁴. Em uma reportagem sobre como 9 casais famosos se conheceram¹⁵, o que vemos são 18 pessoas brancas (e heterossexuais, diga-se de passagem). Em outra matéria, agora sobre "como as celebridades perderam a virgindade"¹⁶, de 20 entrevistados, há apenas uma negra. Estes são apenas alguns dos inúmeros exemplos que puderam ser observados numa pesquisa que levantou mais de 100 matérias disponíveis em sua página virtual.

E mesmo quando se fala sobre outros temas sociais – como feminismo, movimento LGBT, empoderamento gordo ou de pessoas com deficiência – o tema da negritude desaparece, como se não houvesse intersecção de outros fatores nas demais opressões, apresentando-as de maneira isolada. Numa matéria sobre skate e empoderamento feminino¹⁷, a jovem skatista entrevistada é negra, mas nada se menciona sobre essa condição dentro do esporte. Em uma sobre os problemas do

¹² "A Fazenda: internet surta com antes e depois surpreendente de Victória". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/beleza/a-fazenda--surta-com-antes-e-depois-surpreendente-de-victoria/>>. Acesso em: 28 out. 2020.

¹³ Disponível em: <<http://entretenimento/netflix-7-lancamentos-imperdiveis-no-catalogo-em-novembro-de-2020/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

¹⁴ "Se você gabaritar este teste de filmes de terror, nós vamos ficar com medo". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/entretenimento/s-teste-de-filmes-de-terror-nos-vamos-ficar-com-medo/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

¹⁵ "Fanfics da vida real: 9 famosos que já se apaixonaram por fãs". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/fanfics-da-vida-real/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

¹⁶ Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/entretenimento/como-as-celebridades-perderam-a-virgindade/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

¹⁷ "Desigualdade social e de gênero forçam atletas a desistirem de seus sonhos". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/desigualdade-social/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.



capacitismo¹⁸, a entrevistada é uma cadeirante branca. Em outra sobre bissexualidade¹⁹, todas as entrevistadas também são brancas. E, por fim, em um artigo denunciando casos de gordofobia na mídia²⁰, embora duas das três pessoas entrevistadas sejam negras, a matéria apenas conecta com questões de gênero (e ainda assim, de forma muito tímida).

O feminismo, movimento LGBT, gordo e PCD da Revista Capricho é inegavelmente branco. Assim com a cultura pop que a permeia, em suas estéticas e temáticas.

E ainda, sobre a análise da cultural visual geral da revista, segue também o apagamento do negro. Não há referências estéticas negras em matérias que não sejam diretamente sobre negritude, enquanto as referências estéticas brancas estão em todas as demais matérias, jogando novamente com a ideia de branco universal e negro particular: apêndice, pormenor, detalhe, rodapé. Identitário.

No geral, as imagens de divulgação são de pessoas brancas, assim como ilustrações feitas exclusivamente para os escritos. No mês do outubro rosa, por exemplo, foram veiculadas 5 matérias sobre o risco do câncer de mama²¹, e todas elas traziam ilustrações de um seio branco para o auto-exame. Na seção "SOS Sexo"²², onde as adolescentes enviam suas dúvidas para especialistas, não foi encontrado nenhum referencial imagético negro nas imagens de divulgação.

Vale lembrar que não existe política sem corpo, nem corpo que não seja político (SAFATLE, 2016). Onde estão os corpos negros numa linha editorial que fala tanto sobre empoderamento e antirracismo? Corpos negros não transam, não têm sexualidade, estão sempre sozinhos? Ou é apenas medo da revista ser acusada de hipersexualizar as mulheres negras? Nenhuma das respostas resulta em práticas condizentes com o que consta nas matérias militantes sobre negritude.

Observando esses eixos de maneira complementar, cruzando a análise de seus dados, notamos que ocorre uma cooptação dos termos militantes e desapropriação

¹⁸ "Saiba o que é capacitismo e porque é tão urgente combatê-lo". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/saiba-o-que-e-capacitismo-e-combate-lo/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

¹⁹ "O B não é de biscoito: invisibilidade e estereótipos sobre a bissexualidade". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/estereotipos-da-bissexualidade/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

²⁰ "Gordofobia não é piada: as histórias por trás dos casos que viralizaram". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/beleza/gordofobia-nao-e-piada-as-historias/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

²¹ "7 sinais que seus seios podem dar sobre sua saúde". Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/7-sinais-que-os-seios-podem-dar-sobre-sua-saude/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

²² Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/?s=sos+sexo&orderby=date>>. Acesso em: 15 out. 2020.



prática de seus sentidos originais, transformando seus debates em produtos e limitando-os apenas a aspectos estéticos e a-históricos. Embora muito mencionados nas publicações da Capricho, "empoderamento", "visibilidade", "representatividade", "identidades", "estruturas" e "privilégios" acabam se tornando termos rasos e por vezes até contraditórios.

A ausência de negros e negras nas matérias não militantes traduz caso clássico de epistemicídio, num apagamento sistemático de produções artísticas e intelectuais de uma população oprimida, perpetuando seu sistema de exclusões (RIBEIRO, 2019b). Trata-se de uma aniquilação intelectual, como se tais sujeitos não fossem produtores de conhecimentos que não versem sobre sua própria condição.

Ao centrarem tudo em questões estéticas e de empoderamento, as pautas identitárias não devem se esquecer de que o mundo é feito de relações materiais, econômicas e de trabalho, e que foram essas que fizeram as desigualdades dos marginalizados (HAIDER, 2018). Logo, é preciso lutar contra o sistema econômico que produziu tais rebaixamentos. Como poderemos discutir sobre o fim do racismo sem falar sobre suas raízes econômicas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do primeiro eixo de pesquisa, levantou-se que em publicações sobre raça e/ou racismo, são chamadas figuras públicas negras qualificadas para o debate, sendo mulheres estudiosas do tema. Além das entrevistas, são veiculadas também notícias pontuais com denúncias racistas, textos abordando os aspectos sociais do racismo e tutoriais sobre beleza negra.

Notou-se que muito se fala em empoderamento e visibilidade – sendo palavras presentes em quase todas as publicações – há menção frequente ao racismo estrutural e menções eventuais sobre sistema de privilégios. Embora as denúncias sejam muitas vezes sobre violência policial ou violências simbólicas às mulheres e meninas negras, a resolução dos problemas propagada é sempre na chave do empoderamento estético. Para a Revista, o combate individual ao racismo é estritamente relacionado à auto-estima em relação ao corpo, saúde mental e auto-aceitação. Não são mencionadas saídas emancipatórias dentro de eixos econômicos, materiais e das relações de trabalho. Aqui, lutar contra o racismo é sentir-se linda.



Dentro do segundo eixo, observou-se que faltam referências visuais negras nas matérias que não abordam diretamente a negritude. A maioria das ilustrações e fotos demonstrativas são de pessoas brancas. Dentro das colunas de entretenimento e comportamento, verificou-se que a grande maioria dos famosos eram brancos, os entrevistados eram brancos – inclusive em outros assuntos militantes, como gordofobia, capacitismo e bissexualidade – e os filmes e séries comentados são de maioria branca.

Fazendo o cruzamento das informações coletadas através da análise dos dois eixos, conclui-se que a revista não constrói interseccionalidade de raça, gênero e classe e promove epistemicídio ao não divulgar negros que não trabalham dentro do segmento das negritudes, num silêncio ideológico que também fala ao normalizar os corpos e suas narrativas. Mais uma vez, reserva-se às minorias apenas espaços para reproduzirem as mesmas percepções de sempre, seguindo a confinar mulheres negras a apenas poderem falar sobre sua própria condição.

Sobre questões de parâmetros de beleza, o foco da Revista no empoderamento estético das adolescentes negras traz uma noção de autocuidado e auto-ajuda acrílicas que despolitiza a questão racista ao tratar tudo de forma muito individualizada, não possuindo um horizonte emancipatório de fato.

Segundo Djamila Ribeiro em *Quem tem medo do feminismo negro ?*, o problema da limitação destes debates entre negritude, estética, beleza e bem-estar está na "confusão de atribuir valores democráticos e valores capitalistas. De confundir emancipação e ascensão econômica" (RIBEIRO, 2018, p. 85). E as publicações aumentam tal confusão ao colocarem que ser uma negra emancipada é sentir-se linda. E como sentir-se linda? Para eles, através do uso indiscriminado de cosméticos de alto custo que patrocinam seus posts. Assim, "o mais prejudicial é que se cria uma ideia de que ser bem-sucedida é possuir os mesmos direitos do homem branco, e não romper com as lógicas de opressão" (RIBEIRO, 2018, p. 85).

A capitalização do movimento negro pela mídia *teen* assume, então, uma face perversa ao fazer usos, abusos e distorções de termos como "empoderamento", "representatividade" e "visibilidade" numa perspectiva esteticizante que carece de análises materiais e econômicas, onde ser emancipada é ser vista, apreciada e falar sobre sua própria condição, ignorando todo o resto.

Apesar de todos os avanços – afinal, se até 5 anos atrás a revista não tocava em nenhuma dessas pautas e agora o faz, podendo ser a porta de entrada aos movimentos

sociais para suas jovens leitoras – é necessário radicalizar seus métodos e aprofundar suas discussões.

Como salientou Frantz Fanon em seu *Pele Negra, Máscaras Brancas*, na noção de reconhecimento comum, o negro busca ser reconhecido pelo branco, ser validado por eles justamente por não conseguir se reconhecer, recorrendo ao amparo do outro por pensar sozinho não conseguir se amparar (FANON, 2008). E é apenas quando se assume o próprio desamparo que somos incitados à ação, tomando os rumos da política (SAFATLE, 2016).

Portanto, é necessário um horizonte emancipatório que incite à ação e ocupação desses espaços, inclusive em revistas imersas na cultura pop, como é o caso da Revista Capricho. Reconhece-se o esforço das militantes negras em adentrar cada vez mais nesse universo, mas isso não pode parar. Há um longo caminho pela frente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 191 p.

HAIDER, Asad. **Mistaken Identity: race and class in the age of Trump**. New York: Verso, 2018. 144 p.

KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. Münster: Unrast Verlag, 2010. 151 p.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019. 112 p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 79 p.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 127 p.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 360 p.